

OPINIÃO



Performance *Trafficco*, de Jessica Hirst na Galeria Ana Lama / Banco (Lisboa). Março 2018.
Fotografia: Stratos Ntontsis.

Outros artigos:

HELENA OSÓRIO 2018-03-30
PARTE II - A FAMOSA RAINHA NZINGA (OU NJINGA) - TÃO AMADA, QUANTO TEMIDA E ODIADA, EM ÁFRICA E NO MUNDO

HELENA OSÓRIO 2018-02-28
PARTE I - A RAINHA NZINGA E O TRAJE NA PERSPECTIVA DE GRACINDA CANDEIAS: 21 OBRAS DOADAS AO CONSULADO-GERAL DA REPÚBLICA DO SÉCULO NO PORTO. POLÉMICAS DE ANTES E ATUALIDADE

MARIA VLACHOU 2018-01-25
CAN WE LISTEN? (PODEMOS OUVIR?)

FERNANDA BELIZÁRIO E RITA ALCAIRE 2017-12-23
O QUE HÁ DE QUEER EM QUEERMUSEU?

ALEXANDRA JOÃO MARTINS 2017-11-11
O QUE PODE O CINEMA?

LUÍS RAPOSO 2017-10-08
A CASA DA HISTÓRIA EUROPEIA: AFINAL A MONTANHA NÃO PARIU UM RATO, MAS QUASE

MARC LENOT 2017-09-03
CORPOS RECOMPOSTOS

MARC LENOT 2017-07-29
QUER PASSAR A NOITE NO MUSEU?

LUÍS RAPOSO 2017-06-30
PATRIMÓNIO CULTURAL E MUSEUS: O QUE ESTÁ POR DETRÁS DOS "CASOS"

MARZIA BRUNO 2017-05-31
UM LAMPEJO DE LIBERDADE

SERGIO PARREIRA 2017-04-26
ENTREVISTA COM AMANDA COULSON, DIRETORA ARTÍSTICA DA VOLTA FEIRA DE ARTE

LUÍS RAPOSO 2017-03-30
A TRÁGICOMÉDIA DA DESCENTRALIZAÇÃO, OU DE COMO SE ARRISCA ESTRAGAR UMA BOA IDEIA

SÉRGIO PARREIRA 2017-03-03
ARTE POLÍTICA E DE PROTESTO | *THE TRUMP EFFECT*

LUÍS RAPOSO 2017-01-31
ESTATÍSTICAS, MUSEUS E SOCIEDADE EM PORTUGAL - PARTE 2: O CURTO PRAZO

E AGORA, O QUE FAZEMOS COM ISTO?

RUI MATOSO

2018-05-12

share |

1

Para além da polémica e da revolta dos agentes culturais surgida após os resultados dos apoios da DgARTES, uma outra reivindicação, universal, que não sendo nova ganhou agora renovado fôlego, prende-se com a exigência de maior dotação orçamental para a cultura, com o patamar mínimo de 1% do orçamento do Estado.

Apesar de consensual, o debate público em torno deste aumento não mereceu ainda o aprofundamento necessário à correlativa transformação dos modelos de políticas públicas para a cultura.

Uma coisa é pretender que este 1% sirva para manter o status quo da política cultural vigente, aumentando-se a distribuição de receitas pelos serviços públicos, entidades e organismos do Estado central já existentes, o que incluiria obviamente maiores dotações para o financiamento público às artes. É certo que isso contribuiria, de algum modo, para a melhoria do serviço público de cultura. Mas que ideias novas temos para a adequação e resposta dos serviços públicos perante os desafios complexos do mundo actual, diante dos ataques em todas as frentes do capitalismo de catástrofe, no auge do aceleracionismo tecnológico, da morte das cidades e no limiar de sobrevivência da humanidade? Que políticas culturais queremos, afinal?

Que propostas existem para que os museus, as galerias ou os teatros municipais contribuam efectiva e quotidianamente para a transformação e para a melhoria das condições de cultura, para a reflexão e criação de projectos colectivos, para a diversidade e diálogo intercultural, etc. Ou seja, como fazer com que os serviços públicos de cultura descentralizados superem o mero papel ornamental a que foram sujeitos durante anos pela instrumentalização político-partidária?

Qual a responsabilidade das instituições culturais e qual o seu contributo para a criação de projectos alternativos de vida, para o desenvolvimento da sustentabilidade e resiliência das comunidades ou para a construção de novos horizontes de expectativa, de mentalidades e comportamentos ecológicos?

É que, como bem sabemos, sem uma dimensão cultural revitalizada e plural no quotidiano do espaço público urbano, não há cidade! Há instrumentalização da cultura, há muita gentrificação, competição, turistas e marketing urbano, há ruas, automóveis, prédios e transeuntes, há as indústrias do escapismo virtual e do esquecimento tóxico, há simulacros de quase tudo, mas pouco mais. Depois há o aumento das doenças mentais, do alcoolismo e do abuso de drogas, da depressão urbana e de um mal-estar social com sintomas evidentes de desorientação e miséria simbólica.

Mas, se não existe cidade sem cultura, o que se passa então com o Direito à Cidade?

2

Uma reformulação global das políticas culturais há muito que devia conter a exigência, muito pouco convocada pelos agentes culturais, da requalificação das políticas municipais, cuja relevância para a concretização dos direitos, da cidadania, da diversidade e da democracia cultural, é fundamental. Não nos esqueçamos que é ao nível municipal, nos territórios de proximidade, na construção da democracia local participativa e na vitalidade cultural das cidades (vilas e aldeias) que o bem-estar e a qualidade de vida dos cidadãos (e não apenas dos artistas ou dos agentes culturais profissionais) se realiza, ou não.

É na vida cultural das cidades - demasiadas vezes enclausurada pela monocultura do entretenimento, pela dominação do "caciquismo cultural" e pelo silenciamento acrítico dos agentes -, que se mede a importância das artes, o desenvolvimento e a formação de públicos e de espectadores emancipados, mas também a liberdade e autonomia cívica e cultural de todos.

Afinal, tal como defende a nossa Constituição, e como diria Joseph Beuys, todos os seres humanos são criadores em potência.

Transboavista VPF

Art Edifício



Links



LUÍS RAPOSO 2017-01-13
ESTATÍSTICAS, MUSEUS E SOCIEDADE EM
PORTUGAL – PARTE 1: O LONGO PRAZO

SERGIO PARREIRA 2016-12-13
A "ENTREGA" DA OBRA DE ARTE

ANA CRISTINA LEITE 2016-11-08
A MINHA VISITA GUIADA À EXPOSIÇÃO...OU
COISAS DO CORAÇÃO

NATÁLIA VILARINHO 2016-10-03
ATLAS DE GALANTE E BORRALHO EM LOULÉ

MARIA LIND 2016-08-31
NAZGOL ANSARINIA – OS CONTRASTES E AS
CONTRADIÇÕES DA VIDA NA TEERÃO
CONTEMPORÂNEA

LUÍS RAPOSO 2016-06-23
"RESPONSABILIDADE SOCIAL",
INVESTIMENTO EM ARTE E MUSEUS: OS
PONTOS NOS IS

TERESA DUARTE MARTINHO 2016-05-12
ARTE, AMOR E CRISE NA LONDRES
VITORIANA. O LIVRO *ADOECER*, DE HÉLIA
CORREIA

LUÍS RAPOSO 2016-04-12
AINDA OS PREÇOS DE ENTRADA EM MUSEUS
E MONUMENTOS DE SINTRA E BELÉM-AJUDA:
OS DADOS E UMA PROPOSTA PARA O
FUTURO

DÁRIA SALGADO 2016-03-18
A PAISAGEM COMO SUPORTE DE
REPRESENTAÇÃO CINEMATOGRAFICA NA
OBRA DE ANDREI TARKOVSKY

VICTOR PINTO DA FONSECA 2016-02-16
CORAÇÃO REVELADOR

MIRIAN TAVARES 2016-01-06
ABSOLUTELY

CONSTANÇA BABO 2015-11-28
A PROCURA DE FELICIDADE DE WOLFGANG
TILLMANS

INÊS VALLE 2015-10-31
A VERDADEIRA MUDANÇA ACABA DE
COMEÇAR | UMA ENTREVISTA COM O
GALERISTA ZIMBABUEANO JIMMY
SARUCHERA PELA CURADORA
INDEPENDENTE INÊS VALLE

MARIBEL MENDES SOBREIRA 2015-09-17
PARA UMA CONCEPÇÃO DA ARTE SEGUNDO
MARKUS GABRIEL

RENATO RODRIGUES DA SILVA
2015-07-22
O CONCRETISMO E O NEOCONCRETISMO NO
BRASIL: ELEMENTOS PARA REFLEXÃO
CRÍTICA

LUÍS RAPOSO 2015-07-02
PATRIMÓNIO CULTURAL E OS MUSEUS:
VISÃO ESTRATÉGICA | PARTE 2: O
PRESENTE/FUTURO

LUÍS RAPOSO 2015-06-17
PATRIMÓNIO CULTURAL E OS MUSEUS:
VISÃO ESTRATÉGICA | PARTE 1: O
PASSADO/PRESENTE

ALBERTO MORENO 2015-05-13
OS CORVOS OLHAM-NOS

Ana Cristina Alves 2015-04-12
PSICOLOGIA DA ARTE – ENTREVISTA A
ANTÓNIO MANUEL DUARTE

J.J. Charlesworth 2015-03-12
COMO NÃO FAZER ARTE PÚBLICA

JOSÉ RAPOSO 2015-02-02
FILMES DE ARTISTA: O ESPECTRO DA
NARRATIVA ENTRE O CINEMA E A GALERIA.

No balanço do investimento público é preciso ter em consideração que o nível global de financiamento dos municípios é superior ao do orçamento de Estado para a cultura. Segundo dados do INE, em 2015 as Câmaras Municipais afectaram 392,2 milhões de euros às actividades culturais e criativas. De que forma este investimento público tem contribuído para o desenvolvimento sustentável dos ecossistemas culturais e artísticos nas pequenas e médias cidades?

Estas e outras questões bem podiam ser colocadas a si mesmo, por programadores, directores artísticos e outros mediadores culturais contratados pelas autarquias. Quais têm sido as suas propostas em prol da vitalidade, da cidadania e da democracia cultural? Bem sei que há muito boas excepções em alguns (poucos) municípios, repito alguns e poucos, por exemplo o projecto 23 Milhas (Ílhavo).

Se quisermos equacionar o imperativo da descentralização/municipalização da cultura, tendo como finalidade comum o alargamento social das práticas culturais dos cidadãos, a cidadania e a democracia cultural, o aumento da vitalidade cultural das cidades, a difusão e o enraizamento das artes nos territórios, é evidente que estamos perante uma tarefa exigente mas absolutamente necessária.

Esta hipótese, de repensar e construir políticas culturais transformadoras, vai para além do enfoque em políticas sectoriais, e requer, entre outros processos, um compromisso e um plano de parceria estratégica entre o Governo e os Municípios.

Uma sociedade democrática não pede instituições paternalistas com modelos pré-concebidos, inculcados e administrados de cima para baixo, designadamente em épocas de crises múltiplas. As instituições devem antes conjugar as vontades colectivas e representar a sociedade civil (ou parte dela) face aos poderes políticos previamente instituídos no âmbito das constituições políticas republicanas, contribuindo, desse modo, para o desenvolvimento das sociabilidades, das solidariedades e para a intensificação da democracia

Neste sentido, não basta apenas reivindicar que o Estado central desenvolva as políticas necessárias à resolução dos problemas estruturantes e identificados ao longo da última década, de entre eles os identificados nestes 12 eixos de viragem na política cultural. Apesar de fundamentais, estas demandas não são, nunca foram, suficientes para concretizar territorialmente políticas culturais de "nova vaga".

Mas também não é por falta de competências que os municípios ficam impedidos de delinear, em conjunto com os cidadãos, políticas e estratégias culturais locais. Pelo contrário, estas políticas e respectivas medidas de âmbito local só podem ser implementadas por iniciativa dos órgãos políticos municipais, tal como define o direito administrativo e Constitucional no capítulo da autonomia do poder local e do princípio de subsidiaridade, bem como na Carta Europeia de Autonomia Local.

3

Numa perspectiva simplificadora, diríamos que urge promover três movimentos com o objectivo de revitalizar culturalmente as cidades "anestesiadas": i) a distribuição (relacional) do poder excessivamente acumulado nos aparelhos partidários e respectivos órgãos municipais, que nalguns casos governam municípios desde o 25 de Abril; ii) redemocratizar as instituições e os equipamentos públicos de cultura através da crítica institucional, fomentando a apropriação das mesmas pelos cidadãos, e o seu redireccionamento no sentido da democracia e da cultura tidas como bens comuns; iii) fomentar a participação cultural activa (activismo cultural) como fundamento de cidadania.

Torna-se assim fulcral criar condições que favoreçam o pluralismo da Cultura 3.0 (Pier Luigi Sacco), ou seja, o equivalente a uma expansão massiva do grupo de produtores culturais, transcendendo a já moribunda distinção estanque entre produtores e consumidores culturais, e a transformação dos públicos em praticantes.

A racionalidade de uma política cultural transformadora deve, por isso, promover a diversidade de ferramentas simbólicas e conceptuais que os membros de uma comunidade necessitam para lidar com a realidade difusa do mundo contemporâneo, e para agenciar novas formas de vida colectiva.

Considerando que estamos perante um impasse, e verificando-se a necessidade de implementar localmente os instrumentos mais apropriados à participação democrática dos cidadãos na formulação, no exercício e na avaliação das políticas públicas de cultura, propomos a criação de um Plano Nacional de Políticas e Estratégias Culturais Municipais, estabelecido através de parcerias entre o Governo e os Municípios.

Vejamos primeiro alguns casos que remetem para políticas e estratégias de origem supramunicipal, mas implementadas localmente.

O primeiro caso é o da Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável (Portugal), aprovada em 2006, e com ampla repercussão nos municípios através da adopção da Agenda 21 Local (A21L), construindo-se como um marco importante na governação municipal, ao introduzir processos e metodologias focadas na participação dos actores locais, designadamente através da criação de Fóruns Participativos. Porém, um aspecto negativo é o facto de a A21L não ter incluído a dimensão cultural nas políticas e estratégias de desenvolvimento sustentável. Com o objectivo de colmatar esta lacuna, defendemos um processo idêntico que vise a adopção e implementação da Agenda 21 da Cultura em Portugal, dando assim um passo em frente na inclusão definitiva da cultura como quarto pilar do



MARIA LIND 2015-01-05
UM PARQUE DE DIVERSÕES EM PARIS
RELEMBRA UM CONTO DE FADAS CLÁSSICO

Martim Enes Dias 2014-12-05
O PRINCÍPIO DO FUNDAMENTO: A BIENAL DE VENEZA EM 2014

MARIA LIND 2014-11-11
O TRIUNFO DOS NERDS

Jonathan T.D. Neil 2014-10-07
A ARTE É BOA OU APENAS VALIOSA?

José Raposo 2014-09-08
RUMORES DE UMA REVOLUÇÃO: O CÓDIGO ENQUANTO MEIO.

Mike Watson 2014-08-04
Em louvor da beleza

Ana Catarino 2014-06-28
Project Herácles, quando arte e política se encontram no Parlamento Europeu

Luís Raposo 2014-05-27
Ingressos em museus e monumentos: desvario e miopia

Filipa Coimbra 2014-05-06
Tanto Mar - Arquitectura em DERIVAção | Parte 2

Filipa Coimbra 2014-04-15
Tanto Mar - Arquitectura em DERIVAção | Parte 1

Rita Xavier Monteiro 2014-02-25
O AGORA QUE É LÁ

Aimee Lin 2014-01-15
ZENG FANZHI

FILIPPE PINTO 2013-12-20
PERSPECTIVA E EXTRUSÃO. Uma História da Arte (parte 4 de 4)

FILIPPE PINTO 2013-11-28
PERSPECTIVA E EXTRUSÃO. Uma História da Arte (parte 3 de 4)

FILIPPE PINTO 2013-10-25
PERSPECTIVA E EXTRUSÃO. Uma História da Arte (parte 2 de 4)

FILIPPE PINTO 2013-09-16
PERSPECTIVA E EXTRUSÃO. Uma História da Arte (parte 1 de 4)

JULIANA MORAES 2013-08-12
O LUGAR DA ARTE: O "CASTELO", O LABIRINTO E A SOLEIRA

JUAN CANELA 2013-07-11
PERFORMING VENICE

JOSÉ GOMES PINTO (ECATI/ULHT)
2013-05-05
ARTE E INTERACTIVIDADE

PEDRO CABRAL SANTO 2013-04-11
A IMAGEM EM MOVIMENTO NO CONTEXTO ESPECÍFICO DAS ARTES PLÁSTICAS EM PORTUGAL

MARCELO FELIX 2013-01-08
O ESPAÇO E A ORLA. 50 ANOS DE 'OS VERDES ANOS'

NUNO MATOS DUARTE 2012-12-11
SOBRE A PERTINÊNCIA DAS PRÁTICAS CONCEPTUAIS NA FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

FILIPPE PINTO 2012-11-05
ASSEMBLAGE TROCKEL

MIGUEL RODRIGUES 2012-10-07
BIRD

desenvolvimento sustentável.

No actual contexto da governança cultural, o Município de Lisboa configura um pertinente caso de estudo no que se refere à conjugação entre a Agenda 21 da Cultura - Lisboa é Cidade Piloto da Agenda 21 para a Cultura - e um Plano Estratégico para a Cultura, documentado em Estratégias para a Cultura da Cidade de Lisboa (2017).

No seu Plano Estratégico (2015-2010) a Artemrede propõe, como objectivo para «inscrever a cultura no centro das políticas governativas», elaborar uma Carta de Compromisso, que traduza princípios orientadores e compromissos concretos de política e gestão cultural, previstos na Agenda 21 da Cultura, subscrita por todos os municípios já associados, e que será condição de filiação para os futuros membros.

Em Inglaterra, o Arts Council implementou a iniciativa Local government, partnerships and place que visa promover o florescimento de contextos culturais locais mais resilientes.

Em alternativa à iniciativa estatal, a rede francesa Réseau Culture 21, uma associação independente fundada em 2009, trabalha na promoção da diversidade e dos direitos culturais em todas as políticas públicas ao nível local, com base na Agenda 21 da Cultura e na Declaração de Friburgo.

No Brasil, de acordo com a publicação elaborada pelo projecto, Cidades e políticas públicas de cultura: diagnóstico, reflexão e proposições (Belo Horizonte: Artmanagers, 2012), os municípios brasileiros encontram-se mal estruturados na área cultural, não se podendo ainda, em muitos casos, falar de uma política pública propriamente dita para o setor, limitando-se a participação do poder público local ao estímulo e à realização de festas e eventos. Pode-se dizer, assim, que praticamente não há estruturação orgânica, física ou de políticas para a Cultura em grande parte das cidades brasileiras. (p. 17)

Este diagnóstico poder-se-ia sem grandes diferenças aplicar aos municípios portugueses. É que, uma política cultural terá de apresentar objectivos e estratégias, construídas com a participação plural dos cidadãos, e tornados públicos com toda a transparência. Para poder levá-los a cabo é necessário que existam mecanismos que permitam a planificação, a sua execução prática e avaliação, e não somente "pão e circo", «medidas avulsas, euforias súbitas, investimentos efémeros, sem sistematicidade, isto é, sem esquemas prévios, sem um corpus de objectivos explícitos, um certo grau de institucionalização, coerência e duração (...)» (J. Teixeira Lopes, 2003).

Em 2010 foi aprovado, pelo Ministério da Cultura do Brasil, o Plano Nacional de Cultura (PNC), com a finalidade de orientar o poder público na formulação de políticas públicas, e com vista a promover a articulação e o debate dos diferentes níveis de governo e a sociedade civil organizada, para concretizar o exercício universal dos direitos culturais, através de um conjunto de princípios, objectivos, directrizes, estratégias, acções e metas. O PNC está ainda articulado com outros mecanismos complementares, o Sistema Nacional de Cultura (SNC) e o Sistema de Informação e Indicadores Culturais (SNIIC).

Neste âmbito das parcerias entre Estado central e administração local, a nossa proposta passa pela estruturação de um plano para a requalificação das políticas culturais locais, o qual seria implementado entre o governo e os municípios aderentes, através de protocolos associados ao respectivo suporte financeiro. Os municípios teriam de se comprometer a desenvolver políticas e estratégias participadas e publicamente discutidas, conjugando princípios e valores de democracia cultural e de direitos culturais (amplamente divulgados pela A21C).

Estes protocolos, firmados entre Governo e Municípios aderentes, seriam acompanhados de objectivos, metas, monitorização e avaliação dos planos. Entre outras, os protocolos prosseguiriam as seguintes finalidades:

- Criação e regulamentação de uma Rede de Teatros Municipais;
- Criação de Conselho Municipal de Cultura / Fórum Cultural Municipal;
- Desenvolvimento de processos participativos na elaboração e governança de políticas e estratégias culturais locais;
- Formação e profissionalização de quadros técnicos e administrativos (gestão, produção, mediação, programação...);
- Regularização dos contratos laborais dos trabalhadores da cultura;
- Apoio à estruturação de redes culturais municipais;
- Criação de uma bolsa de espaços disponíveis e de recursos logísticos e técnicos;
- Criação de gabinetes locais de apoio a projectos culturais e criativos;
- Apoio a projectos específicos de promoção do diálogo intercultural;
- Formação, desenvolvimento e alargamento da base social dos públicos;
- Qualificação e expansão de serviços educativos;
- Apoio a programas e projectos intersectoriais: educação/cultura /património/...;
- Desenvolvimento da economia cultural e criativa;
- Desenvolvimento e integração da cultura técnica e científica;
- Democratização de equipamentos e instituições culturais, promovendo a participação e a colaboração dos agentes culturais de modo transparente e equânime;
- Promoção regular de debates e sessões de trabalho entre agentes culturais e administração pública, descentralizados nas Juntas de Freguesia;
- Eliminação das barreiras e promoção do acesso aos equipamentos e

JOSÉ BÁRTOLO 2012-09-21
CHEGOU A HORA DOS DESIGNERS

PEDRO PORTUGAL 2012-09-07
PORQUE É QUE OS ARTISTAS DIZEM MAL
UNS DOS OUTROS + L'AFFAIRE
VASCONCELOS

PEDRO PORTUGAL 2012-08-06
NO PRINCÍPIO ERA A VERBA

ANA SENA 2012-07-09
AS ARTES E A CRISE ECONÓMICA

MARIA BEATRIZ MARQUILHAS 2012-06-12
O DECLÍNIO DA ARTE: MORTE E
TRANSFIGURAÇÃO (II)

MARIA BEATRIZ MARQUILHAS 2012-05-21
O DECLÍNIO DA ARTE: MORTE E
TRANSFIGURAÇÃO (I)

JOSÉ CARLOS DUARTE 2012-03-19
A JANELA DAS POSSIBILIDADES. EM TORNO
DA SÉRIE *TELEVISION PORTRAITS* (1986-)
DE PAUL GRAHAM.

FILIPPE PINTO 2012-01-16
A AUTORIDADE DO AUTOR - A PARTIR DO
TRABALHO DE DORIS SALCEDO (SOBRE
VAZIO, SILÊNCIO, MUDEZ)

JOSÉ CARLOS DUARTE 2011-12-07
LOUISE LAWLER. QUALQUER COISA ACERCA
DO MUNDO DA ARTE, MAS NÃO RECORDO
EXACTAMENTE O QUÊ.

ANANDA CARVALHO 2011-10-12
RE-CONFIGURAÇÕES NO SISTEMA DA ARTE
CONTEMPORÂNEA - RELATO DA
CONFERÊNCIA DE ROSALIND KRAUSS NO III
SIMPÓSIO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO
PAÇO DAS ARTES

MARIANA PESTANA 2011-09-23
ARQUITECTURA COMISSÁRIA: TODOS A
BORDO # THE AUCTION ROOM

FILIPPE PINTO 2011-07-27
PARA QUE SERVE A ARTE? (sobre espaço,
desadequação e acesso) (2.ª parte)

FILIPPE PINTO 2011-07-08
PARA QUE SERVE A ARTE? (sobre espaço,
desadequação e acesso) (1ª parte)

ROSANA SANCIN 2011-06-14
54ª BIENAL DE VENEZA: ILLUMInations

SOFIA NUNES 2011-05-17
GEDI SIBONY

SOFIA NUNES 2011-04-18
A AUTONOMIA IMPRÓPRIA DA ARTE EM
JACQUES RANCIÈRE

PATRÍCIA REIS 2011-03-09
IMAGE IN SCIENCE AND ART

BÁRBARA VALENTINA 2011-02-01
WALTER BENJAMIN. O LUGAR POLÍTICO DA
ARTE

UM LIVRO DE NELSON BRISSAC
2011-01-12
PAISAGENS CRÍTICAS

FILIPPE PINTO 2010-11-25
TRINTA NOTAS PARA UMA APROXIMAÇÃO A
JACQUES RANCIÈRE

PAULA JANUÁRIO 2010-11-08
NÃO SÓ ALGUNS SÃO CHAMADOS MAS TODA
A GENTE

SHAHEEN MERALI 2010-10-13
O INFINITO PROBLEMA DO GOSTO

PEDRO PORTUGAL 2010-09-22
ARTE PÚBLICA: UM VÍCIO PRIVADO

eventos culturais;

- Incentivo à criação de plataformas digitais culturais;
- Desenvolvimento do jornalismo cultural local;
- Facilitação de uso de imóveis devolutos (públicos e privados);
- Facilitar a apropriação de Espaços Públicos Urbanos para as "Artes de Rua";
- Diversificar apoios e incentivar a pluralidade dos projectos culturais (ex: artistas emergentes; experimentação e investigação; jovens produtores culturais; activismo cultural;

Voltando à reivindicação consensual e universal do aumento do orçamento de Estado para o 1%, fica a dúvida se o mesmo seria suficiente para integrar um "Plano Nacional de Políticas e Estratégias Culturais Municipais". Não será preferível equacionar já um aumento para 2% ...3%....?

Rui Matoso

Membro da European Communication Research and Education Association; professor na Escola Superior De Teatro e Cinema e na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa); investigador no CICANT e doutorando em ciências da comunicação.

:::

Nota sobre o título: Título de um projecto de intervenção sociocultural realizado com jovens ditos "problemáticos", no âmbito das comemorações do centenário da República - Ciclo Portugal e a Memória - em Torres Vedras (<http://eagoraquefazemoscomisto.blogspot.pt/>).

FILIPPE PINTO 2010-06-09
A PROPÓSITO DE *LA CIENAGA* DE LUCRECIA
MARTEL (Sobre Tempo, Solidão e Cinema)

TERESA CASTRO 2010-04-30
MARK LEWIS E A MORTE DO CINEMA

FILIPPE PINTO 2010-03-08
PARA UMA CRÍTICA DA INTERRUPÇÃO

SUSANA MOUZINHO 2010-02-15
DAVID CLAERBOUT. PERSISTÊNCIA DO
TEMPO

SOFIA NUNES 2010-01-13
O CASO DE JOS DE GRUYTER E HARALD THYS

ISABEL NOGUEIRA 2009-10-26
ANOS 70 – ATRAVESSAR FRONTEIRAS

LUÍSA SANTOS 2009-09-21
OS PRÉMIOS E A ASSINATURA INDEX:

CAROLINA RITO 2009-08-22
A NATUREZA DO CONTEXTO

LÍGIA AFONSO 2009-08-03
DE QUEM FALAMOS QUANDO FALAMOS DE
VENEZA?

LUÍSA SANTOS 2009-07-10
A PROPÓSITO DO OBJECTO FOTOGRÁFICO

LUÍSA SANTOS 2009-06-24
O LIVRO COMO MEIO

EMANUEL CAMEIRA 2009-05-31
LA SPÉCIALISATION DE LA SENSIBILITÉ À L'
ÉTAT DE MATIÈRE PREMIÈRE EN SENSIBILITÉ
PICTURALE STABILISÉE

ROSANA SANCIN 2009-05-23
RE.ACT FEMINISM_Ljubliana

IVO MESQUITA E ANA PAULA COHEN
2009-05-03
RELATÓRIO DA CURADORIA DA 28ª BIENAL
DE SÃO PAULO

EMANUEL CAMEIRA 2009-04-15
DE QUE FALAMOS QUANDO FALAMOS DE
TEHCHING HSIEH? *

MARTA MESTRE 2009-03-24
ARTE CONTEMPORÂNEA NOS CAMARÕES

MARTA TRAQUINO 2009-03-04
DA CONSTRUÇÃO DO LUGAR PELA ARTE
CONTEMPORÂNEA III_A ARTE COMO UM
ESTADO DE ENCONTRO

PEDRO DOS REIS 2009-02-18
O "ANO DO BOI" – PREVISÕES E REFLEXÕES
NO CONTEXTO ARTÍSTICO

MARTA TRAQUINO 2009-02-02
DA CONSTRUÇÃO DO LUGAR PELA ARTE
CONTEMPORÂNEA II_DO ESPAÇO AO LUGAR:
FLUXUS

PEDRO PORTUGAL 2009-01-08
PORQUÊ CONSTRUIR NOVAS ESCOLAS DE
ARTE?

MARTA TRAQUINO 2008-12-18
DA CONSTRUÇÃO DO LUGAR PELA ARTE
CONTEMPORÂNEA I

SANDRA LOURENÇO 2008-12-02
HONG KONG A DÉJÀ DISPARU?

PEDRO DOS REIS 2008-10-31
ARTE POLÍTICA E TELEPRESENÇA

PEDRO DOS REIS 2008-10-15
A ARTE NA ERA DA TECNOLOGIA MÓVEL

SUSANA POMBA 2008-09-30
SOMOS TODOS RAVERS

COLECTIVO 2008-09-01

O NADA COMO TEMA PARA REFLEXÃO

PEDRO PORTUGAL 2008-08-04
BI DA CULTURA. Ou, que farei com esta cultura?

PAULO REIS 2008-07-16
V BIENAL DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE |
PARTILHAR TERRITÓRIOS

PEDRO DOS REIS 2008-06-18
LISBOA – CULTURE FOR LIFE

PEDRO PORTUGAL 2008-05-16
SOBRE A ARTICIDADE (ou os artistas dentro da cidade)

JOSÉ MANUEL BÁRTOLO 2008-05-05
O QUE PODEM AS IDEIAS? REFLEXÕES
SOBRE OS *PERSONAL VIEWS*

PAULA TAVARES 2008-04-22
BREVE CARTOGRAFIA DAS CORRENTES
DESCONSTRUTIVISTAS FEMINISTAS

PEDRO DOS REIS 2008-04-04
IOWA: UMA SELECÇÃO IMPROVÁVEL, NUM
LUGAR INVULGAR

CATARINA ROSENDO 2008-03-31
ROGÉRIO RIBEIRO (1930-2008): O PINTOR
QUE ABRIU AO TEXTO

JOANA LUCAS 2008-02-18
RUY DUARTE DE CARVALHO: pela
miscigenação das artes

DANIELA LABRA 2008-01-16
O MEIO DA ARTE NO BRASIL: um Lugar
Nenhum em Algum Lugar

LÍGIA AFONSO 2007-12-24
SÃO PAULO JÁ ESTÁ A ARDER?

JOSÉ LUIS BREA 2007-12-05
A TAREFA DA CRÍTICA (EM SETE TESES)

SÍLVIA GUERRA 2007-11-11
ARTE IBÉRICA OU O SÍNDROME DO
COLECCIONADOR LOCAL

SANDRA VIEIRA JURGENS 2007-11-01
10ª BIENAL DE ISTAMBUL

TERESA CASTRO 2007-10-16
PARA ALÉM DE PARIS

MARCELO FELIX 2007-09-20
TRANSNATURAL. Da Vida dos Impérios, da
Vida das Imagens

LÍGIA AFONSO 2007-09-04
skulptur projekte münster 07

JOSÉ BÁRTOLO 2007-08-20
100 POSTERS PARA UM SÉCULO

SOFIA PONTE 2007-08-02
SOBRE UM ESTADO DE TRANSIÇÃO

INÊS MOREIRA 2007-07-02
GATHERING: RECONSTRUIR MODOS DE
ENCONTRO

FILIPA RAMOS 2007-06-14
A Arte, a Guerra e a Subjectividade – um
passeio pelos Giardini e Arsenal na 52ª
BIENAL DE VENEZA

SÍLVIA GUERRA 2007-06-01
MAC/VAL: Zones de Productivités Concertées.
3 Entreprises singulières

NUNO CRESPO 2007-05-02
SEXO, SANGUE E MORTE

HELENA BARRANHA 2007-04-17
O edifício como "BLOCKBUSTER". O
protagonismo da arquitectura nos museus de
arte contemporânea

RUI PEDRO FONSECA 2007-04-03
A ARTE NO MERCADO – SEUS DISCURSOS
COMO UTOPIA

ALBERTO GUERREIRO 2007-03-16
Gestão de Museus em Portugal [2]

ANTÓNIO PRETO 2007-02-28
ENTRE O *SPLEEN* MODERNO E A CRISE DA
MODERNIDADE

ALBERTO GUERREIRO 2007-02-15
Gestão de Museus em Portugal [1]

JOSÉ BÁRTOLO 2007-01-29
CULTURA DIGITAL E CRIAÇÃO ARTÍSTICA

MARCELO FELIX 2007-01-16
O TEMPO DE UM ÍCONE CINEMATOGRAFICO

PEDRO PORTUGAL 2007-01-03
Artória - ARS LONGA VITA BREVIS

ANTÓNIO PRETO 2006-12-15
CORRESPONDÊNCIAS: Aproximações
contemporâneas a uma "iconologia do
intervalo"

ROGER MEINTJES 2006-11-16
MANUTENÇÃO DE MEMÓRIA: Alguns
pensamentos sobre Memória Pública – Berlim,
Lajedos e Lisboa.

LUÍSA ESPECIAL 2006-11-03
PARA UMA *GEOSOFIA* DAS EXPOSIÇÕES
GLOBAIS. Contra o safari cultural

ANTÓNIO PRETO 2006-10-18
AS IMAGENS DO QUOTIDIANO OU DE COMO
O REALISMO É UMA FRAUDE

JOSÉ BÁRTOLO 2006-10-01
O ESTADO DO DESIGN. Reflexões sobre teoria
do design em Portugal

JOSÉ MAÇÃS DE CARVALHO 2006-09-18
IMAGENS DA FOTOGRAFIA

INÊS MOREIRA 2006-09-04
ELLIPSE FOUNDATION - NOTAS SOBRE O ART
CENTRE

MARCELO FELIX 2006-08-17
BAS JAN ADER, TRINTA ANOS SOBRE O
ÚLTIMO TRAJECTO

JORGE DIAS 2006-08-01
UM PERCURSO POR SEGUIR

SÍLVIA GUERRA 2006-07-14
A MOLDURA DO CINEASTA

AIDA CASTRO 2006-06-30
BIO-MUSEU: UMA CONDIÇÃO, NO MÍNIMO,
TRIPLOMÓRFICA

COLECTIVO* 2006-06-14
NEM TUDO SÃO ROSEIRAS

LÍGIA AFONSO 2006-05-17
VICTOR PALLA (1922 - 2006)

JOÃO SILVÉRIO 2006-04-12
VIENA, 22 a 26 de Março de 2006